

A educação do carácter regressa à escola

A obsessão em educar sem imposições de nenhum tipo, levou a uma situação paradoxal: enquanto as crianças se tomam fortes em casa e na escola, ficam igualmente sem critérios que as ajudem a orientar-se numa sociedade nada complacente com elas. Este contraste é preocupante na Suécia, Grã-Bretanha e Estados Unidos, que começaram a debatê-lo.

Um estilo muito liberal de educação dos filhos, conduziu a que fosse criada na Suécia uma geração de crianças mimadas e centradas em si mesmas, que não augura nada de bom para o seu futuro. Este é o diagnóstico do psiquiatra David Eberhard no seu novo livro “Como as crianças tomaram o poder”, que desde a sua publicação no ano passado, desencadeou opiniões opostas e fez do seu autor, um protagonista de entrevistas na televisão e de editoriais – em grande parte críticos – nos jornais.

Se existe algum país onde a educação das crianças se centra no respeito do seu modo de ser e das suas preferências, é a Suécia. Em 1979, foi proibido qualquer tipo de palmada para impor disciplina a uma criança, e qualquer acusação deste tipo pode desencadear uma investigação por uma equipa de psicólogos e polícias, e terminar numa forte multa. Daí que a crítica de Eberhard tenha sido recebida como uma bofetada no sistema.

Não é que Eberhard proponha regressar à palmada. O que diz é que, ao abrigo da ideia do respeito pela criança, muitos pais renunciaram a estabelecer regras e disciplina aos seus filhos, os quais assumiram o comando e não só o da televisão.

“À partida, deve-se ouvir as crianças”, admite Eberhard, “mas na Suécia foi-se demasiado longe. Elas tendem a decidir tudo nas famílias: quando ir para a cama, o que comer, aonde ir de férias, o que ver na televisão”. “Vivemos numa cultura onde os chamados ‘especialistas’ dizem que a criança é ‘competente’ e a conclusão é que as crianças decidem”.

Isto fez com que a educação do carácter das crianças deixe muito a desejar. Para Eberhard, são simplesmente mal-educadas e teimosas. Numa reunião, interrompem constantemente, querem ser o centro das atenções e reclamam o mesmo espaço que os adultos.

Não se comportam melhor na escola. As crianças foram educadas numa atitude muito antiautoritária, e isso nota-se no modo de responder na escola aos professores. Estes têm de conversar com elas para que deixem de utilizar o telefone na aula e, segundo um exemplo citado por Eberhard, um professor que se atreveu a confiscar o telefone de uma criança, teve de enfrentar depois as críticas dos pais que o acusavam de não respeitar os direitos da criança.

As crianças de hoje são os filhos de uma geração que não conheceu muita disciplina, e que não sabe como impô-la.

Agora, o ministro da Educação pede mais disciplina na escola. O que fez soar os sinais de alarme foi a descida das classificações dos alunos suecos de 15 anos nos testes PISA. As suas competências estão abaixo da média da OCDE, tanto em matemática, como em leitura e ciências, com retrocessos em todas elas. Não estranha que olhem com inveja para a vizinha Finlândia, onde os professores têm uma autoridade que perderam na Suécia e cujos resultados académicos são excelentes.

Eberhard pensa que a educação recebida pelas crianças suecas não as prepara para as frustrações inevitáveis da vida. “As suas expectativas são muito altas e a vida é demasiado dura para elas. Daí terem crescido muito os casos de ansiedade e de jovens que se mutilam a si próprios”.

Que propõe Eberhard para corrigir esta situação? Que os pais voltem a assumir o seu papel de educadores, acabando com a tirania da criança. “Tem de se assumir o controlo na família. A família não é uma democracia”.

O diagnóstico do psiquiatra dividiu o país. Uns veem confirmadas as suas preocupações, e apoiam que os pais coloquem mais limites às crianças. Outros dizem que o tipo de criação dos filhos corresponde à ênfase que o país deposita na democracia e na igualdade. Há quem veja o lado positivo de uma atitude antiautoritária, que favoreceria uma maior criatividade dos jovens quando se vão incorporar no mundo laboral.

Nos EUA, a “mãe tigre” suscita a interrogação sobre quais os motivos porque certos grupos de imigrantes prosperam mais do que outros.

A educação do carácter também é uma ideia na moda na Grã-Bretanha. A jornalista do “Guardian”, Gaby Hinsliff, associa-a à

capacidade de “se recuperar dos fracassos, enfrentar novos desafios com otimismo, ser perseverante e centrar-se em objetivos a longo prazo”.

Que a escola deve contribuir para forjar o caráter, não é ideia revolucionária na Grã-Bretanha. “As escolas privadas de elite sempre apostaram em produzir estudantes ambiciosos e seguros de si mesmos”, afirma Hinsliff. E não é difícil encontrar por todo o país escolas estatais que oferecem “educação baseada em valores”, como a paciência e o respeito.

Mas é inovador que a educação do caráter se tenha convertido num tema que junta políticos de diferentes correntes, como o ministro da Educação Michael Gove, do Partido Conservador, e o responsável da oposição trabalhista para temas educativos, Tristram Hunt.

De facto, a educação do caráter é uma das prioridades de um grupo de parlamentares britânicos (The allparty parliamentary group on Social Mobility) de todos os partidos, criado em 2011 para impulsionar a mobilidade social no país. O seu diretor, o deputado conservador Damian Hinds, defende que a resiliência – a capacidade de enfrentar com flexibilidade adversidades e de superá-las – às vezes, pode ser mais útil do que as classificações escolares para progredir na escala social.

“Todos conhecemos pessoas que não tiveram grandes notas na escola e que, no entanto, se impuseram com estímulos, determinação, esforço e o convencimento de que podiam conseguir coisas”.

Acrescenta: “É importante saber-mos que algumas coisas fazemos bem e outras não. Que tiremos partido das nossas forças e que enfrentemos as nossas fraquezas. O fracasso vai suceder em algum momento da nossa vida. O fundamental é saber em que altura vamos começar a preparar-nos para a sua chegada”.

A educação do caráter vinculada à resiliência também encontrou eco nos Estados Unidos, devido ao último livro de Amy Chua, “The Triple Package”, escrito em colaboração com o seu marido, Jed Rubenfeld.

Chua, uma professora de origem chinesa da Universidad de Yale, tornou-se famosa com o seu anterior livro “Battle Hymn of the Tiger Mother”, no qual explicava o severo estilo educativo que propunha... e que pratica conscientemente com as suas filhas. Desde então, é conhecida nos meios de comunicação norte-americanos, como a “mãe tigre”.

Em “The Triple Package”, Chua e Rubenfeld defendem que, nos EUA, certos grupos de imigrantes progridem mais do que outros, graças a três traços de personalidade: o complexo de superioridade, a capacidade para se sobreporem à insegurança e o controlo dos seus impulsos.

A combinação destes traços, constitui um autêntico trampolim na escala social: “Os cubanos em Miami ascenderam da pobreza para a prosperidade numa única geração. Os

nigerianos obtêm doutoramentos em taxas assombrosamente altas. Os indianos e os chineses norte-americanos têm rendimentos muito mais elevados do que outros norte-americanos. E os judeus talvez tenham os mais altos”.

Mas a boa notícia – acrescentam – é que os cidadãos de outros grupos também podem adquirir estes traços de caráter. De facto, houve uma época não muito longínqua, em que o sonho americano não fazia distinções e era aberto a todos.

Para Gaby Hinsliff, jornalista do “Guardian”, parece que o novo livro de Chua sofre do mesmo voluntarismo de que fez gala Sheryl Sandberg, diretora de operações do Facebook, no seu polémico livro “Lean In”. Segundo Sandberg, se as mulheres não chegam aos postos de trabalho mais elevados, é por falta de ambição e não tanto devido a um problema na organização do mercado laboral.

“Não importa que o chefe seja machista ou que a baixa por maternidade nos EUA seja exaustivamente curta”, escreve Hinsliff. “Sandberg diz-nos que apenas é necessário ‘levantar mais a mão’ e haverá a ascensão social. Não interessa que os grupos de imigrantes que mais progridem tendam a ser aqueles que já eram melhor educados antes de terem chegado: há que ensinar os filhos a controlarem-se a si próprios e irão prosperar, diz Chua”.

A crítica de Hinsliff baseia-se na presunção de que os jovens criados em meios sociais difíceis, tendem a enfrentar os fracassos de modo mais negativo. Mas, por isso mesmo, a educação do caráter pode ser um bom trunfo para multiplicar as oportunidades.

Assim o defende o britânico Ian Morris, professor numa escola pública de gestão autónoma: “Os alunos desfrutam realmente destas lições e os seus benefícios são concretos e dignos de nota, incluindo a competência para aceitar e gerir as emoções difíceis; a serenidade perante situações duras; o apreço pelo que significam a simpatia e a gentileza na vida quotidiana e a capacidade de aprender com os desafios e a pressão desse dia a dia”.

(com autorização de

www.aceprensa.pt)

Os males ocultos da economia alemã

Os países europeus descontentes com a amarga receita de austeridade da médica Merkel, têm agora um advogado na própria Alemanha. Marcel Fratzscher, presidente do Instituto Alemão de Investigação Económica (DIW), faz uma séria advertência ao governo no livro “Die Deutschland-Illusion”, para retificar o rumo.

O aviso caiu bem na ala esquerda do executivo. Na apresentação da obra, a 19 de setembro, o autor foi acompanhado pelo ministro da Economia, o social-democrata Sigmar Gabriel, que a qualificou de “leitura obrigatória”. Mas a ala direita não dava indícios de vir a mudar de política.

Na Alemanha, o crescimento do PIB e dos salários é inferior à média da zona euro, e a expansão do emprego esconde um aumento do trabalho precário ou de jornada parcial.

Fratzscher, economista de 43 anos com experiência internacional (trabalhou no Banco Central Europeu - BCE, em Harvard e no Banco Mundial), quer tirar os alemães da complacência com as suas realizações e do seu excesso de confiança. A “ilusão” em que vivem, diz, baseia-se em três méritos que lhes permitiram resistir firmes à crise. São: a reforma laboral da década anterior, que ao flexibilizar o mercado, trouxe um aumento do emprego; as abundantes exportações da competitiva indústria nacional, e o equilíbrio orçamental, tão diferente do irresponsável endividamento dos países resgatados. Moral da história: se os vizinhos em apuros querem manter-se à tona de água, terão de submeter-se à mesma dolorosa cura, e não ficar à espera que a Alemanha lhes tire as castanhas do fogo.

Mas, segundo Marcel Fratzscher, a Alemanha não vai tão bem como parece. Apresenta sintomas preocupantes: três anos a crescer menos de 1%, incluindo três trimestres negativos (-0,6% é o dado mais recente); salários quase estagnados, mais baixos do que no princípio do século para dois em cada três trabalhadores. Nesses dois capítulos, a Alemanha está abaixo da média da zona euro. Que está então a acontecer?

Fratzscher explica que os êxitos alemães são significativos, mas têm um lado escuro. A reforma laboral reduziu o desemprego, mas à custa do aumento dos empregos a tempo parcial ou precários. Assim, embora em 2013 houvesse mais 4 milhões de pessoas empregadas do que em 2005, as horas de trabalho totais subiram muito pouco, e proporcionalmente, baixaram de 1.431 para 1.388 por trabalhador e ano. O poder exportador não se deve a ter subido a produtividade, mas ao facto da Alemanha vender agora mais barato, graças aos custos salariais contidos e ao euro. E o défice orçamental reduziu-se, sobretudo, porque com dois milhões a menos de desempregados do que em 2005, se recolheram mais impostos.

Depois de chamar à realidade os compatriotas, Fratzscher salienta aquilo que, na sua opinião, é o problema de fundo da economia alemã: a falta de investimento e uma poupança desproporcionada. Os investimentos baixaram de 23% para 17% do PIB, desde os anos noventa até hoje. O investimento público, equivalente a 1,6% do PIB, situa-se bastante abaixo da média da UE, que é de 2,2%. Mostra disso é o mau estado das outrora exemplares infra-estruturas alemãs, dizia há pouco tempo a revista “Der Spiegel”.

Contra isso, Fratzscher recomenda o mesmo que pedem os governos europeus que se opõem à continuação da cura de austeridade: aumentar a despesa pública, ainda que à custa

de mais défice. Também o FMI o disse esta semana, ao rever para a baixa a previsão de crescimento da zona euro, porque vê perigo de regresso à recessão. E o presidente do BCE, Mario Draghi, repetiu a mesma mensagem porque teme uma deflação à japonesa. Fratzscher acrescenta que o governo alemão deveria estimular o investimento privado, porque o baixo nível atual impede que aumente a produtividade. Pelo contrário, se os alemães, em vez de pouparem tanto e colocarem tanto dinheiro no estrangeiro, investissem mais no seu próprio país, obteriam maiores receitas e impulsionariam o crescimento. Outra parte da atual poupança deveria ser gasta em importar mais dos países vizinhos, que é uma maneira de fazer crescer a economia alemã e, simultaneamente, um benefício para os parceiros da UE.

Por último, há que liberalizar o setor dos serviços, pouco produtivo e competitivo, porque numa parte relevante está submetido a organizações profissionais e a regulamentações protecionistas.

As teses de Fratzscher provocaram viva discussão. A 20 de setembro, a chanceler Angela Merkel deu a dica, afirmando que para crescer há que investir. Mas Fratzscher reprova ao governo que empreenda um plano de infraestruturas e não apoie a mesma política em França ou em Itália.

Nestes e noutros países há um surto de rebelião contra as exigências alemãs. O primeiro-ministro francês, Manuel Valls, anunciou um “orçamento contra a austeridade”. Já o ministro das finanças alemão, o democrata-cristão Wolfgang Schäuble, insiste em baixar o défice, o que para Fratzscher é “objetivo muito estranho nas atuais circunstâncias”.

Por fim, a 9 de outubro, Merkel fez a primeira insinuação de que poderia haver uma mudança de política. No mesmo dia, a Agência Estatística Federal acrescentou outro dado inquietante: em agosto passado, as exportações alemãs baixaram 5,8% em relação ao mês anterior, a maior descida desde 2009. A chanceler, reconhecendo a deterioração das previsões económicas, disse que o governo examina o estímulo aos investimentos, especialmente nos setores digital e energético. Declaração considerada significativa, mas não envolve uma renúncia formal ao princípio de não aumentar o défice. Não se sabe se para moderar expectativas, Schäuble, que estava em Washington, disse nesse dia 9, que “passar cheques” não é a maneira de impulsionar o crescimento da zona euro.

R. S.

(com autorização de
www.aceprensa.pt)

“00:30 – A Hora Negra”

Zero Dark Thirty

Realizador: Kathryn Bigelow
Atores: Jessica Chastain; Joel Edgerton
Duração: 157 min.
Ano: 2012

Este filme retrata a captura de Bin Laden e os esforços para o encontrar desde o 11 de Setembro de 2001 até à sua morte em maio de 2011. É bastante realista e cru, também pela inclusão das polémicas cenas de tortura aos prisioneiros da Al Qaeda.

O enredo acompanha uma agente da CIA, “Maya”, e a sua persistência em se manter focada nesse objectivo durante todos esses anos. Ela não desiste apesar da morte de vários colegas em emboscadas. Não desanima apesar das pistas incorretas que a enganam em várias ocasiões e aprende com os erros. Não se desconcentra com os atentados em Londres e noutros locais que desviam as atenções para a busca de soluções que evitem mais ataques. Ela permanece no seu posto, embora veja colaboradores preferirem ocupar outras posições menos desgastantes. Ela insiste e dá-se a conhecer a todos os novos colegas. Procura envolvê-los. Não hesita em falar com os superiores para deixar claro o que está em jogo. Pede conselhos, investigando as informações que lhe dão e que considera válidas. Ela sabe o que quer e todos sabem o que ela quer. Todos sabem o que procurar, o que evita distraírem-se com o acessório... e as possibilidades de êxito aumentam.

Ela triunfa, confirmando que focar-se com disciplina e método naquilo que pode levar à resolução do problema, já é parte essencial da solução.

Tópicos de análise:

1. Ter bem presente o valor de um objetivo fortalece a motivação.
2. Dar a conhecer o que se procura, facilita que os outros saibam o que pesquisar.
3. Com método e disciplina evita-se a dispersão e concentra-se a atenção.

Hiperligação para o filme:

<http://www.imdb.com/title/tt1790885/>

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

